

O olhar da filmografia norte-americana recente acerca dos imigrantes latinos em fins do século XX.

Mariana Franco Lopes

Mestranda - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Uma parte significativa da identidade nacional norte-americana é baseada na diferença, marcada por uma tendência em definir a América, ou o que é “americano” como algo distinto do que se constitui como estrangeiro. A alteridade, bastante evidente no contexto de globalização, é um aspecto fundamental para o estabelecimento de identidades, uma vez que estas, por pertencerem à esfera discursiva, como demonstra Stuart Hall, devem ser estabelecidas através da diferença, isto é, determinada em relação ao “outro”. É preciso deixar claro que segundo Hall as identidades não devem ser pensadas como unificadas, singulares e fixas; e sim como fragmentadas, construídas por discursos (que podem ser antagônicos), negociadas de acordo com o contexto histórico e estando, deste modo, em constante transformação.

Entretanto, é preciso salientar que ainda podemos notar, no debate acadêmico norte-americano, estudiosos que abdicam o caráter heterogêneo para pensar a constituição da identidade nacional. O exemplo mais célebre é o de Samuel Huntington, mais conhecido pela sua teoria do Choque das Civilizações. No ano de 2004 este autor publicou o livro *Who are we? The Challengesto America's National Identity*, no qual sai em defesa do “núcleo anglo-protestante da cultura dos EUA”, mostrando-se preocupado com a postura ativa de grupos e organizações de imigrantes latino, especialmente os mexicanos. Deste modo, Huntington abdica de outros componentes para pensar a identidade norte-americana, que ele sustenta que deve ser homogênea, anglo-protestante.

Como poderá ser observado neste artigo, Huntington não representa uma voz isolada na sociedade norte-americana. Em fins do século XX cresceu não só a imigração – legal e “ilegal” – mas também os movimentos contrários

aos “novos” imigrantes latinos e asiáticos. Contudo, na virada do século XX para o século XXI, estes grupos – especialmente os latinos – ganharam força, passando a realizar uma série de reivindicações por meio de organizações, principalmente, além de terem se tornados componentes fundamentais do jogo político norte-americano. De acordo com Néstor Canclini, a intensificação dos conflitos fronteiriços e migratórios nos anos recentes evidencia dilemas culturais não-resolvidos, tais como a integração multiétnica proposta pelo multiculturalismo nos Estados Unidos e o reconhecimento pleno dos direitos das minorias. É preciso ressaltar, de modo como faz o autor, que a globalização, apesar de seu intuito homogeneizador, revela a dificuldade em se lidar com a diferença.

Em meio a este contexto exposto acima que os filmes abordados na pesquisa que desenvolvo no Mestrado em História Social da UniRio foram produzidos. Optamos, neste artigo, por concentrar-nos apenas nas produções dos anos 90. Ao longo do século XX, o fluxo migratório em direção aos Estados Unidos cresceu, alcançando grandes proporções nas duas últimas décadas, ao mesmo tempo em que diversas medidas legislativas tentavam – e muitas vezes falhavam – em conter estes imigrantes. Interessa-nos, neste estudo, pensar o lugar que este estrangeiro ocupa nesta sociedade, marcada fortemente por uma polarização entre os que apoiam ou são contrários à imigração, de modo a analisar, nos capítulos seguintes, de que forma os filmes nos oferecem elementos para compreender esta questão. Como demonstra Mae Ngai, o mito da “América imigrante” está calcado em um processo de relativa facilidade de naturalização – cinco anos de residência sem ficha criminal – e no princípio *jus soli* que confere cidadania a todos nascidos no solo estadunidense. Além disso, é preciso lembrar que a Constituição protege a todos, não apenas os cidadãos – como é garantido pela XIV Emenda. Nota-se, portanto, que a linha que distingue o estrangeiro e o cidadão é tênue, uma vez que o acesso à naturalização torna a primeira condição apenas temporária.

Aristide Zolberg enfatiza igualmente a necessidade de se considerar que os imigrantes constituem uma presença política e cultural na nação, o que

evoca uma dimensão distinta acerca do impacto da imigração no *americanwayoflife* e na identidade nacional norte-americana. Ainda segundo o autor, em quase todos os casos de imigração, sempre há um grupo, entre os receptores, que veem nos estrangeiros a possibilidade de pôr em perigo o *status quo* - e, no caso dos EUA, não poderia ser diferente. Os aspectos mais questionados por uma parcela da população deste país foram a origem dos imigrantes, sua religião e língua. Vimos que deste quando este passou a gerenciar suas questões, passou a tentar estabelecer quem poderia ou não entrar no país. A política imigratória, contudo, nem sempre obteve os resultados esperados e a América anglo-saxã de Tocqueville, deu lugar a uma América heterogênea, com a presença de grande quantidade de imigrantes, especialmente os latinos e os asiáticos em fins do século XX.

Nos anos 80, período no qual a IRCA foi decretada, a opinião pública contrária à imigração cresceu. Os imigrantes, que ganharam um pouco mais de espaço desde a década de 60, passavam a ser questionados por uma grande parcela da população, que os via – independentemente de serem ilegais perante o governo ou não – como uma ameaça a seus empregos, responsáveis por sobrecarregar o *welfare system*, além de constituírem uma ameaça para a “cultura americana”. Observa-se, portanto, que a imigração em larga escala, protagonizada pelas “novas fontes” – Ásia e América Latina -, desencadeou reações nativistas, que tornaram-se mais evidentes a partir de 1990. Embora a desconfiança em relação a um receio desencadeado pela presença estrangeira não seja algo recente na história dos Estados Unidos, este temor obteve grandes proporções na década anterior, em função do destaque que passou a receber pela mídia, além de ter passado a exercer um papel fundamental nas eleições presidenciais.

Em um estudo em que busca identificar os diferentes discursos sobre a imigração, usando como fontes capas de determinadas revistas nacionais norte-americanas, no período de 1965 a década de 90, o antropólogo Leo R. Chavez, nota que nos últimos anos do século XX há uma mudança nas maneiras de se retratar questões referentes à imigração pela imprensa dos

Estados Unidos, devido ao aumento do debate anti-imigração decorrente do processo de globalização. Ainda que o autor afirme que as questões de patriotismo e lealdade perante os imigrantes não sejam novidade, surge na década de 90 uma preocupação crescente com o advento da globalização. Ao analisar uma capa da revista *Times*, datada de 5 de julho de 1976, em comemoração ao aniversário bicentenário da nação, o autor percebe uma determinada abordagem com relação a imigração – uma década após a reforma de 65. A imagem da capa se constituía de um mosaico de palavras com a frase “Terra Prometida”. Dentro da revista, havia outro mosaico de imagens feito de diferentes fotos de imigrantes em diferentes períodos da história dos EUA, em uma reafirmação da noção da “nação de imigrantes”.

Em 17 de outubro de 1994, a cobertura da revista *Nation* tratava a imigração de forma diferenciada. A imagem central contida na capa representava a fronteira dos EUA com o México, acompanhada pelos dizeres: “As batalhas da imigração”. A cobertura da *Nation* traz uma série de imagens – dentre as quais destacam-se uma massa de imigrantes refugiados, homem com chapéu mexicano atravessando fronteira em direção ao Norte e a bandeira dos EUA virada ao contrário - que evocam o clima que prevalecia com relação aos imigrantes na época – em um cenário marcado por um censo de alarme no que diz respeito ao impacto negativo da imigração na nação. Estas duas coberturas refletem uma mudança, de acordo com o autor, caracterizada pelo aumento do debate público anti-imigração durante o último quarto do século XX.

A ideia da América do “*meltingpot*”, que combinaria diferentes nacionalidades de imigrantes em uma única nacionalidade, a norte-americana, exerce um importante papel na narrativa da “nação de imigrantes”. Ainda segundo Chavez a América do “*meltingpot*”, que pressupõe uma assimilação do imigrante ao estilo de vida norte-americano, passou a ser questionada mais fortemente nos últimos anos, especialmente por aqueles que não consideram os imigrantes como parte da nação, vista – pelos mesmos - como sendo predominantemente euro-americana e fundamentada em uma cultura de língua

inglesa. Os “novos” imigrantes, viajantes do mundo globalizado, “ameaçam” a visão do *meltingpot*, pois são encarados por muitos como “inassimiláveis”.

É fundamental frisar que os discursos referentes à imigração são múltiplos, mas poderíamos afirmar, como faz Chavez, que nas últimas décadas eles têm variado em caracterizações afirmativas ou alarmistas em relação aos imigrantes. As posições variam em diferentes esferas: enquanto alguns enfatizam contribuição econômica e cultural trazida pelos imigrantes, outros optam por criticar as transformações – especialmente as culturais - provocadas pelos mesmos, acreditando, em casos extremos, que a heterogeneidade atual poderá provocar a morte do Estado-nação norte-americano.

Tal problemática, conforme já foi mencionado, não se restringiu a um debate acadêmico. A partir dos anos 90, com o crescimento da imigração, especialmente a “ilegal”, cresceu um sentimento anti-imigração na opinião pública, como vimos no caso da imprensa, e na sociedade norte-americana de maneira geral. Neste período, segundo Cecília Azevedo, começou a se difundir, a partir da Califórnia, um movimento nativista, associando as elevadas taxas imigratórias com a desigualdade de renda e estagnação dos salários, levando muitos empregadores a abaixar o salário dos latinos, principalmente dos mexicanos. Este cenário propiciou a aprovação, neste estado, da Proposição 187, que proibia a utilização, pelos imigrantes considerados ilegais, dos serviços públicos de saúde, educação e previdência. A autora ressalta que embora a lei não tenha sido aprovada pela Suprema Corte, outras leis – a nível federal – foram decretadas em 1996, retirando dos não-cidadãos a possibilidade de receber benefícios federais, além de aumentar o valor pago pelo imigrante solicitar visto para algum parente, causando dificuldades no princípio da reunião familiar.

A proposição precipitou uma corrida em direção à naturalização, que foi promovida por Clinton no programa *Citizen Usa*. Durante a administração deste presidente, as penas para entradas de ilegais passaram a ser maiores, contudo houve um aumento da população estrangeira no país. É importante

ressaltar que neste clima político dos anos 90, a mobilização do eleitorado mexicano-americano e o aumento de candidatos latinos na Califórnia, tornou-a o maior estado democrata do país – atrás apenas do Havaí. Na eleição estadual de 1998, os latinos representavam 13% do eleitorado californiano, evidenciando a relevância deste grupo no cenário eleitoral norte-americano – que tornou-se um componente fundamental nas eleições federais no século XXI.

Nota-se, portanto, que momento em que cresce a “americanização” da América Latina, decorrente da dependência tecnológica destes países em relação aos Estados Unidos, Canclini acentua que também deve se levar em conta a “latinização” deste país – uma vez que a crescente imigração de latinos em fins do século XX influenciou a cultura política e jurídica, os hábitos de consumo, além de direcionar estratégias educacionais em estados como Califórnia, Texas e Arizona, que abrigam grande parte desta população. Como salienta este cientista social, as indústrias culturais – nas quais inclui mídias voltadas à produção de discos, vídeos e programas de TV – buscam se aproveitar da suposta “multiculturalidade” norte-americana, na medida em que procuram ampliar seu mercado através da exploração de produtos culturais latinos.

Apesar do cenário esboçado acima, podemos perceber que o cinema hollywoodiano pouco explorava esse mercado em crescimento até os anos 90. Segundo dados do relatório “*Missing in action: latinos in and out of Hollywood*”, realizado pelo *The Tomás Rivera Policy Institute* (UCLA), de 1999, encomendado pela SAG (*The Screen Actors Guild*), grande parte dos latinos concorda que a maior parte das representações de latinos nas mídias televisivas e cinematográficas era negativa e marcada por uma série de estereótipos. Estes não são recentes, pelo contrário, datam das primeiras décadas do século XX, quando do lançamento dos filmes mudos de *greaser*, cujo pioneiro é *Greaser’s Gauntlet* (1908, D. H. Griffith). O *greaser* é um dos estereótipos mais comuns dos latinos no cinema norte-americano, aparecendo, igualmente, em filmes de *western* e aventura dos anos 60. Além de seu

comportamento violento e aparência física – normalmente este apresenta um aspecto sujo, com barba, pele mais escura, cabelo oleoso e cicatrizes -, chama atenção sua inaptidão para falar inglês ou o forte sotaque em espanhol, que sublinham sua falta de inteligência. Atualmente, há uma releitura do estereótipo mencionado, encarnadas nas figuras dos latinos como *gangsters*, traficantes de drogas e/ou membros de gangues, que vivem em grandes centros urbanos.

Em um capítulo no qual avaliam os estereótipos dos latinos no cinema norte-americano ao longo do século XX, Harry Benshoff e Sean Griffin citam outro papel cujo surgimento data o início da centúria passada: a figura do *latinlover*, construída nos anos 20, que retrata os(as) latinos(as) de forma sensual e como galanteadores. Segundo estes autores, diferentemente da imagem de *greaser*, o *latinlover* poderia ser “assimilado” como branco – daí o grande número de norte-americanos interpretando esse papel. Os estereótipos de *greaser* e do *latinlover* não esgotam as diferentes representações dos latinos no cinema norte-americano, mas foram, provavelmente, as que mais repercutiram nas películas ao longo do século XX. É preciso salientar que tais estereótipos não são imutáveis, pelo contrário, eles assumem diferentes formas, como citamos ao nos referir aos *gangsters* como uma ressignificação dos *greasers*.

Nos poucos filmes produzidos nos anos 90 que contêm personagens imigrantes na temática principal, podemos perceber uma presença destes estereótipos. Citaremos dois exemplos: os longas-metragens *Os reis do mambo* (GLINCHER, Arnold, 1992) e *The Perez Family* (NAIR, Mira, 1995). Em primeiro lugar, é interessante observar que estes dois têm como foco central dois imigrantes cubanos vivendo nos Estados Unidos nos anos 50, no caso do primeiro, e na década de 80, no caso do segundo. Em *Os reis do mambo*, a história gira em torno dos irmãos Castillo, que saíram de Cuba para tentar ganhar a vida como músicos em Nova Iorque, Estados Unidos. Podemos notar, neste longa, a exploração da figura do *latinlover*, personificado principalmente na personagem Nestor Castillo, interpretado por Antonio Banderas, em seu primeiro filme de língua inglesa. Castillo é um grande conquistador, atrai as

mulheres norte-americanas pelo seu charme e sotaque. Seu irmão, Cesar (Armand Assante) também tem como marca o poder de sedução— que o acompanha mesmo após o casamento. É significativo observarmos que os dois atores – brancos - escolhidos para interpretar os cubanos protagonistas não são cubanos, tampouco latinos. Banderas é nascido na Espanha, enquanto Armand Assante é norte-americano. Ainda no que diz respeito à reprodução de estereótipos, é válido ressaltar que em *Os reis do mambo*, há uma forte referência ao temperamento “quente” dos latinos e a tendência destes a um comportamento violento. No início deste longa-metragem, Cesar se envolve em uma briga que termina em um assassinato por conta de uma mulher com a qual se relacionava.

Na comédia *The Perez Family* este aspecto da sensualidade latina é igualmente explorado. Contudo, neste filme, o papel cabe a uma personagem feminina: Dorita Evita Perez, interpretada pela norte-americana Marisa Tomei. A apelação para o aspecto sensual e sexual da personagem se evidencia em diversos aspectos: seu modo de se vestir, de andar, e quando se insinua para Juan (Alfred Molina) tentando conquistá-lo. Este havia saído de Cuba, assim como Dorita, após o presidente James Carter conceder asilo a diversos refugiados cubanos nos anos 80. Ao chegar a terras estadunidenses, ambos fingem ser casados, pois Dorita poderia arcar com problemas em sua entrada no país, pelo fato de ser solteira. Por “problemas”, queremos dizer que não aceitavam a entrada de mulheres solteiras por acreditarem que muitas iriam se vincular à prostituição.

Lone Star (SAYLES, John, 1996) é outro filme que contém, em sua trama, uma temática ligada à imigração. Este longa-metragem se passa no Texas e gira em torno de um assassinato ocorrido na região da fronteira com o México anos atrás. Contudo, não há, entre as personagens principais desta obra, latinos, o que a torna de pouco interesse para nós neste momento. O longa *My Family/mi familia* (NAVA, Gregory, 1995), por sua vez, merece um olhar mais minucioso. Tal filme não conta com alguns protagonistas latinos, e sim com uma família inteira. O foco central é uma família de mexicanos-

americanos vivendo em Los Angeles, Califórnia. Esta obra aborda, na verdade, as três gerações da família: os pais, que saíram do México, mas se conheceram nos Estados Unidos, seus filhos e netos.

O filme gira em torno, portanto, da família de José Sanchez (Jacob Vargas/Eduardo L. Rojas), através da narração de um de seus filhos, Paco (Edward James Olmos). Inicialmente, é abordada a primeira geração da família, por meio do relato da trajetória de José, do México, alguns anos após a Revolução Mexicana, até sua chegada à Califórnia, onde morava seu tio-avô. Quando começa a se estabelecer em Los Angeles, onde trabalha como jardineiro, se apaixona por Maria (Jennifer Lopez/Jenny Gago), empregada doméstica na casa de uma família rica norte-americana. Por volta dos anos 30, no contexto da Grande Depressão, Maria – que está grávida – é deportada para o México, ao ser confundida com uma imigrante “ilegal”, deixando José com dois filhos. Após dois anos, a personagem retorna aos Estados Unidos, acompanhada do filho mais novo, Chucho – que quase morrera durante a travessia para este país. Após a reunião familiar, o filme avança 20 anos, e passa a focar na história dos filhos de Maria e José, a esta altura com seis crianças: Chucho, Paco, Irene, Toni, Guillermo e Jimmy – o mais novo. Por fim, o longa aborda a terceira geração da família, tendo como foco Jimmy, seu filho, e Guillermo, os irmãos mais novos, em fins dos anos 70.

É preciso, contudo, considerar que o diretor desta obra – Gregory Nava – é apontado como um dos expoentes do “cinema chicano”, que desde os anos 60, passou a produzir filmes visando promover seus ideais, especialmente, o orgulho de ser latino em contraposição aos estereótipos vinculados por filmes de Hollywood. Antes de se engajar em produções hollywoodianas, como *Bordertown – Cidade do Silêncio* (2007), Nava dirigiu filmes independentes, como *El Norte* (1983) e *Time of Destiny* (1988). O diretor, escritor e roteirista de cinema explorou, ao longo da sua carreira, temas relacionados aos latinos – não só no cinema, mas também na televisão. Em uma entrevista concedida ao canal de TV norte-americano PBS, no ano de 2002, Nava – ao ser questionado se a pequena quantidade de latinos no horário nobre televisivo norte-americano

o incomodava – disse acreditar que estes estavam saindo, aos poucos, da periferia para chegar ao *mainstream*. É interessante observar que o cineasta - descendente de mexicanos, mas nascido e criado em São Diego (Califórnia) - se define como latino, ao mencionar que “teria chegado *nossa* hora de mostrar contribuição ao país” – incluindo-se, portanto, entre os latinos.

É preciso acentuar que o filme possui um tom fortemente dramático. Todas as tramas acima apresentadas, de forma breve, carregam este aspecto. Maria, a mãe, é a personagem que mais incorpora este drama. Esta sofre em diversos momentos da película: ao ser deportada e ter que deixar a família, na viagem de volta aos Estados Unidos – quando seu filho Chucho quase morre - e com os problemas nos quais seus filhos se envolvem tempos depois. Embora saibamos da existência estudos que argumentem que Nava possui um papel importante na promoção dos latinos da condição de objetos a sujeitos na cultura norte-americana, é preciso considerar que a ênfase no drama e no sofrimento dos personagens latinos em *Mi familia* parece demonstrar a condição de vítima dos mesmos. Além disso, merece destaque o fato de algumas personagens, como os filhos Chucho e Jimmy, incorporarem o comportamento violento. O primeiro, por exemplo, se envolve em venda de drogas, brigas de gangues, e acaba morto. O segundo, que muito admirava o irmão mais velho, apresenta igualmente um temperamento explosivo: agride o médico responsável pelo parto da mãe de seu filho, que morre durante o seu nascimento. Na sequência seguinte, Jimmy assalta uma loja e, posteriormente, é preso.

Observamos, assim, que tanto as personalidades de Chucho quanto de Jimmy são carregadas de características violentas, impulsivas – estereótipos comuns na representação de imigrantes mexicanos em filmes. Na cena em que Jimmy é apresentado ao espectador, Paco afirma que sua principal característica é a raiva. Jimmy, que desde novo admirava Chucho, é praticamente seu “sucessor”. Ambos deixam de lado os “valores mexicanos” defendidos pelo pai, como a dignidade, para obter dinheiro de forma ilegal – venda de drogas e roubo, respectivamente. Por sua vez, as mulheres, como

Maria e Isabel – que ganham mais destaque no longa -, não são representadas de forma corrompida. Pelo contrário, há uma valorização do sofrimento que elas passaram, notável no aspecto dramático – que acarreta em uma vitimização destas personagens. É interessante ressaltar que Maria, mesmo quando jovem, se opõe ao estereótipo da mulher latina representada de forma sensual – comum em produções hollywoodianas. O figuro da personagem é marcado por roupas comportadas – e não justas e decotadas, característicos das representações das “amantes latinas”, sensuais e sedutoras.

É fundamental pensarmos a escolha de uma família como tema do filme. Embora em determinados momentos o filme dê mais atenção à trama envolvendo uma personagem em detrimento de outra, o foco central é a história de diferentes gerações de uma família de mexicanos-americanos nos Estados Unidos durante o século XX. Em entrevista contida no *Behindthescenes*, Nava argumenta que seu objetivo era contar a história de uma família inteira, uma vez que argumenta que não podemos entender uma cultura, sem a compreensão de uma família que faz parte desta. Acreditamos, contudo, que a escolha de uma família *latina* não foi aleatória. Na já mencionada entrevista de Nava, o diretor e escritor do filme tratado nesta análise ressalta que a América Latina é o local, no qual “família e comunidade” vêm em primeiro lugar. A América, por sua vez, seria onde predominaria o individualismo. Como cita o próprio entrevistador, Bill Moyers, uma sequencia marcante em *El Norte*, outra obra de Nava, é quando um dos personagens principais, o imigrante guatemalteco Enrique, é avisado que pode ser bem-sucedido nos Estados Unidos, contudo, para isto, deverá se esquecer de sua irmã. De acordo com Nava, é esta quebra do vínculo familiar que caracterizaria este país.

Em um momento de sua entrevista a PBS, Nava afirma que os latinos têm um forte poder de assimilação à “sedutora” cultura norte-americana. O cineasta diz acreditar que grande parte da população latina residente nos Estados Unidos, foi absorvida pelo *meltingpot*, repetindo um processo que ocorrera com outras culturas, como a italiana e a irlandesa. Sua intenção, no

longa em destaque, parece ser a de ser “celebrar” as culturas latino-americanas, através da representação de uma família com origem mexicana vivendo em terras norte-americanas. Contudo, apesar de demonstrar a integração destes latinos nos Estados Unidos, ficam evidentes os contrastes que podem ser notados em Los Angeles. A crítica à segregação nesta cidade é realizada em diversos momentos do filme através de uma metáfora relacionada às pontes. Estas construções são escolhidas por simbolizarem a ligação da parte central de Los Angeles com o lado leste da cidade, denominada *East L.A.*, conhecida, desde os anos 30, por ser a região que abriga a maior comunidade de mexicanos nos Estados Unidos. Todavia, também podemos perceber os contrastes no seio desta família – o que fica nítido nas diferenças entre o pai e Memo, o filho mais novo e mais bem-sucedido em termos profissionais. Estes, moradores da área central de Los Angeles, dizem que nunca haviam ido para o lado leste da cidade, que parece ser quase exclusivo de latinos. Neste encontro de famílias, é interessante observar que Memo faz questão de frisar que nunca fora ao México – sempre morara em Los Angeles – constrangendo, deste modo, seus pais mexicanos.

Embora alguns autores argumentem que a intenção de Nava era a de demonstrar um lado “positivo” dos latino-americanos – omitido em diversas produções hollywoodianas -, vimos que, em *My Family* alguns personagens – os masculinos - apresentam uma personalidade agressiva e, outros – femininos -, são dotados de um aspecto de vitimização. É preciso, contudo, ressaltar que a problemática da imigração – integração e contrastes trazidos por esta - é abordada de forma muito singular por este filme – fato que exige que um estudo mais aprofundado a seu respeito. Podemos notar que a obra de Nava se diferencia de outras produções dos anos 90 que contêm imigrantes latinos em seus enredos por vários motivos: a) o filme apresenta um forte tom dramático, b) apresenta como tema principal a inserção desta família na sociedade norte-americana, c) discute problemáticas como a questão da assimilação do imigrante latino nesta sociedade, d) apresenta personagens mexicanos como protagonistas (e na maior parte do caso os atores são

latinos), e) faz uso de certos artifícios de “aproximação do real”, como referências a momentos históricos, em busca de se legitimar seu discurso e mostrar que a questão da presença do imigrante latino – vivenciada no cotidiano, debatida pela mídia e academia - deveria também ser retratada nas telas do cinema.

Percebemos, nesta breve análise, como muitos estereótipos forjados no início do século XX permaneciam vivos em filmes produzidos no fim desta centúria. Acreditamos que isto seja um indicador do fato de que os imigrantes latinos continuavam, na indústria cinematográfica norte-americana, representados na condição de estrangeiros, de *outro*, visto que as diferenças culturais são sempre muito evidenciadas nestes longas-metragens. Notamos, portanto, que em um período de globalização que poderia presumir equivocadamente a ideia de homogeneização, e em meio a uma crescente “latinização” da América, há, mesmo que inconscientemente, uma ênfase na diferença.

Referências bibliográficas:

AZEVEDO, Cecília. “Imigração e identidade nacional nos EUA: notas sobre um debate”. In: *Dimensões – Revista de História da UFES*, vol. 19, Vitória, 2007.

BENSHOFF, Harry, &, GRIFFIN, Sean Patrick. “Latinos and American Film”. In: *American on film*. Blackwell Science, s.d.

CANCLINI, Nestor Garcia. “Mercado e interculturalidade: A América Latina entre Europa e Estados Unidos” e “Não sabemos como chamar os outros”. In: *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CHAVEZ, Léo. R. *Covering Immigration: popular imagens and the politics of the nation*. Berkeley e Los Angeles, University of California Press, 2001.

HALL, Stuart. “A identidade em questão” In: *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

NGAI, Mae. *Impossible Subjects: Illegal Aliens and the making of Modern America*. New Jersey: Princeton University Press, 2004

_____. *A estranha carreira do imigrante ilegal: restrições à imigração e política de deportação nos Estados Unidos, 1921-1965*. Revista Tempo, nº 25, 2008.

ZOLBERG, R. Aristide. *A nation by design: immigration policy in the fashioning of America*. Harvard University Press, 2008.

Sites consultados:

http://www.trpi.org/PDFs/missing_in_action.pdf. Acesso em: 15/08/2013.

<http://www.filmreference.com/encyclopedia/Independent-Film-Road-Movies/Latinos-and-Cinema-ORIGINS-OF-CHICANO-AND-LATINO-CINEMA.html>. Acesso em: 15/08/2013.